



O processo educacional na mística das tendas e caminhos

The educational process in the mystique of tents and paths

Luiz Síveres*

Ana Luisa Teixeira de Menezes**

Resumo

A realidade do mundo contemporâneo está marcada, em grande parte, pela fragilidade das opções pessoais, pela velocidade das conexões tecnológicas e pela superficialidade das relações sociais. Nesse contexto, encontra-se a educação, que, por meio de uma série de processos pedagógicos, busca contribuir com a formação pessoal e a transformação social. No processo educacional, a mística, como uma energia qualificada, pode aprofundar as singularidades vividas e as sociabilidades vivenciadas, tendo a metáfora das tendas e caminhos como suporte para o entendimento. As tendas são entendidas como espaços privilegiados para vivenciar a pertença qualificada, a presença relacional e a participação cooperativa, e os caminhos são movimentos para contemplar a realidade, peregrinar na companhia do outro e encontrar o sentido como horizonte do caminho. Com base nessa relação dialógica, a educação é convidada a seguir caminhos que levam nossos corpos e nossas novas ações em direção a um projeto educacional mais significativo, bem como a descobrir, pela educação, que somos capazes de acolher, nas tendas, a ternura e a energia, a interioridade e a exterioridade, a singularidade e a diversidade.

Palavras-chave: Educação. Mística. Tendas. Caminhos.

Abstract

The contemporary world reality is marked, in a large part, by the frailty of personal options, by the speed of technological connections, and by the superficiality of social relations. In this context, one finds education, which, through a series of pedagogical processes, aims to contribute to personal training and social transformation. In the educational process, mystique, as a qualified energy, can deepen the peculiarities and the sociabilities experienced, having the tents and pathways metaphor as a basis for understanding. The tents are regarded as privileged spaces to experience the qualified belonging, the relational presence, and the cooperative participation, and the pathways are movements to contemplate reality, peregrinate along with the other, and find meaning as a pathway's horizon. Based on this dialogic relationship, education is invited to take pathways which lead our bodies and our new actions towards a more significant educational project, as well as to discover, through education, that we're able to embrace, in the tents, tenderness and energy, interiority and externality, singularity and diversity.

Keywords: Education. Mystique. Tents. Pathways.

Artigo recebido em 13 de abril de 2012 e aprovado em 3 de setembro de 2012.

* Doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (2003). Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (2000). Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Atualmente, é Professor Titular Na Universidade Católica de Brasília. Brasil. E-mail: luiz@ucb.br.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pró-Reitora de Extensão e Relações Comunitárias. Professora no Departamento de Psicologia e Pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul. Brasil. E-mail: luisa@unisc.br.

Introdução

A educação, no contexto da realidade contemporânea, está sendo desafiada pelas mudanças estruturais, pelas entidades sociais e pelas agências regulatórias. Nesse movimento, ampliam-se cada vez mais as responsabilidades dos educadores e as expectativas em relação às instituições educacionais. Percebe-se, no entanto, que o esforço pessoal e a disposição institucional não são suficientes para garantir uma educação que ajude a potencializar os talentos humanos, a construir conhecimentos significativos e a contribuir para o desenvolvimento social. Com o objetivo de colaborar na busca dessas finalidades, propõe-se uma mística para o processo educacional.

A mística é compreendida, nesse processo, como uma energia que potencializa a essência e a existência, seja da condição humana, das organizações sociais ou das manifestações espirituais, com o objetivo de fortalecer uma relação transcendente, isto é, buscando promover a dignidade humana, a fraternidade social e a intimidade espiritual. Nesse sentido, quanto mais se puder vivenciar essas características, tanto mais significativa poderá ser a vida, porque o ser humano “[...] quer e precisa este *algo mais*, porque ele é *algo mais* do que só e meramente coisa” (FOGEL, 2009, p. 17). Com a finalidade de buscar essa dimensão do *algo mais*, no contexto educacional, propõe-se um percurso que contemple, também, essa experiência no contexto da realidade contemporânea.

O ser humano, inserido em uma teia de relações, pode vivenciar uma diversidade de experiências, entre as quais a dimensão da mística compreendida, também, como uma espiritualidade, não vinculada tanto a uma religião, mas como uma manifestação da própria condição humana. Essa condição, na realidade atual, está sendo afetada, porém, pelo individualismo racional, pela instrumentalização tecnológica e pela expansão mercantil. Tais atributos conseguem eclipsar, em parte e principalmente em alguns lugares, a dinâmica espiritual, fato que torna oportuno retomar o princípio de viver ou conviver, relacionando-se com o transcendente da

vida, da história e da civilização. A transcendência é, assim, uma das razões para se viver com dignidade, bem como o sentido para que a vida seja vivida intensamente.

Nesse sentido, a mística será compreendida como uma energia pessoal e relacional que impulsiona as pessoas ou as instituições a buscar, constantemente, uma causa, um valor ou um ideal, que, no fundo, é buscar esse *algo mais* que possibilita aos seres humanos perceber-se vinculados, enraizados à vida, como seres pertencentes à natureza e ao cosmos (CAPRA, 2004). A partir desse entendimento, a mística não se restringe apenas a ritos, a espaços ou a expressões religiosas, mas compreende uma disposição que envolve a emoção, o pensamento e a prática de toda criatura humana e de toda instituição social. Ou seja, exige discernimento ou uma consciência da realidade em que se vive e do projeto que se deseja atingir, demandando ações que direcionam os esforços aos objetivos propostos, bem como atitudes que envolvem certo grau de responsabilidade e gratuidade.

Para contribuir com essa proposta, é oportuno recuperar alguns aspectos históricos da mística. Nesse sentido, é possível averiguar que no período que antecede a sistematização do pensamento clássico, formulado pela escola socrática, o homem vivia em certa harmonia com as diversas realidades históricas e os fenômenos existenciais. Isso possibilitou, segundo Boff (2003, p. 81), uma integração bem-sucedida da existência humana, porque “[...] havia respeito e veneração para com todos os elementos, especialmente para com os seres vivos e para com a Terra, venerada como Grande Mãe”. Essa maneira integrativa compunha uma unidade mística entre todos os seres existentes, isto é, pulsava uma energia vital entre todos os seres.

Mas, com a emergência da razão, o aspecto racional passou a ser preponderante nas relações humanas e o conhecimento se tornou o elemento definidor da cultura ocidental. Esse processo fortaleceu-se no período contemporâneo com base em uma visão mecanicista, reduzindo o homem, de

forma preponderante, à dimensão física, seja como sujeito ou objeto do conhecimento. Esse cenário apresenta a ciência vinculada à informação e, com isso, ela deixou de ser uma formadora do espírito. A postura mística é, justamente, aproveitar-se desse esforço da razão, integrando-a, porém, aos aspectos da emoção, da intuição, do pensamento e da prática.

A supremacia da razão, em detrimento dos demais aspectos da condição humana, possibilitou um crescimento econômico pela confluência da tecno-ciência, uma sensibilização ecológica pelas ameaças da própria natureza, uma afirmação da democracia pela definição dos direitos sociais e uma valorização política pela emancipação de grupos sociais. Porém, nesse horizonte de conquistas, também existe um déficit no percurso civilizacional, por meio das desigualdades sociais, da fragmentação das culturas históricas e dos desajustes com o meio ambiente.

O momento atual, herdeiro desse percurso, precisa definir novas perspectivas e, nesse sentido, a mística pode ser uma energia impulsionadora desse processo, pois essa experiência faz parte da formação dos talentos humanos, dos projetos pedagógicos e dos compromissos sociais. Diante dessa proposta, a educação assume uma responsabilidade específica, porque tem condições favoráveis para propor a mística como uma relação dialógica no processo educacional, por meio da metáfora das tendas e caminhos.

1 A mística das tendas

A história da humanidade está, de uma forma ou de outra, conectada à metáfora das tendas. A tenda não é apenas a representação de uma cabana, mas é toda forma de moradia, seja em uma casa, em um bairro, em uma cidade ou no próprio planeta. Compreendendo essa diversidade de tendas, pode-se afirmar que existem tendas móveis e outras fixas. Existem tendas onde se vive a intimidade e em outras a exterioridade. Existem tendas para hospedagem e outras para

passagem. Existem tendas habitadas e outras vazias. Existem tendas para uma roda de conversa e outras para o silêncio. Existem tendas para a convivência e outras para a solidão.

Nesse caso, a tenda, mais do que um espaço físico, é o espaço do acolhimento, do reconhecimento e da partilha. A tenda é o tempo da subjetividade, da comunidade e da sociabilidade. A tenda é o processo da diversidade, da comunhão e da cidadania. Tais valores são essenciais, pois a ausência de um sistema valorativo adaptado à complexidade do mundo moderno pode levar, inclusive, à destruição do planeta, à dizimação da espécie ou à liquidação da sociedade.

Com o objetivo, justamente, de propor essa ambiência no conjunto das entidades sociais, podemos pensar a instituição educadora nessa perspectiva, no sentido de ser uma tenda e apostar possivelmente em um futuro mais significativo para a humanidade. Para tanto, ela precisa pautar sua conduta em uma mística que brota dos princípios político-filosóficos para energizar toda a entidade, fortalecendo seu empenho com a sociedade, bem como dando um novo sentido à vida e à história. Essa mística é compreendida como uma energia acolhedora e potencializadora de saberes e conhecimentos, que pode inspirar uma relação dialógica para instituir uma sociedade ética por meio de um projeto de justiça, com um sentido emancipador e comprometido com valores éticos.

A partir desse projeto, a instituição educadora possivelmente desempenharia sua finalidade de gerar, sistematizar e difundir conhecimentos que contribuiriam com a realização pessoal, com a capacitação profissional e com um maior comprometimento social por parte dos sujeitos envolvidos nessa dinâmica. Além disso, para que o espaço educacional se estabeleça em uma tenda é oportuno sugerir o desenvolvimento de uma mística pautada nas seguintes características: pertença qualificada, presença relacional e participação cooperativa.

1.1 Pertença qualificada

Na realidade contemporânea, pertencer a um grupo, a um movimento ou a uma instituição torna-se um desafio constante, pois a atitude de pertencimento exige laços vinculantes entre as pessoas e destas para com a instituição. Só haverá pertencimento se houver mais vínculos e menos contatos, mais proximidade e menos ajuntamento, mais diálogo e menos palavreado.

A instituição educadora, para constituir uma tenda que favoreça a pertença, tem a tarefa de, segundo Roca (1999, p. 49), “ativar uma nova consciência e novos atores sociais que canalizem o sentido de pertença e os vínculos humanos no novo cenário da mundialização”. Tudo isso tem por objetivo propor a construção de conhecimentos, que, além de levar em conta uma ótica monocular ou seguir um direcionamento linear, possam adotar a premissa do movimento dialógico que impulsiona para um olhar multifocal ou acolher a dinâmica de uma relação transdisciplinar.

Ao exercitar o pertencimento, por meio de um conhecimento mais complexo, o educador tem a possibilidade de pautar seu processo de interação educativa construído no convívio relacional e dialógico com uma diversidade de sujeitos sociais, uma infinidade de expressões culturais e uma variedade de projetos educacionais. Assim, em um mundo no qual as relações estão cada vez mais fragmentadas, é necessário que o processo educativo reinvente espaços de convivência, tempos de convivialidade e processos educativos que possibilitem o pertencimento qualificado de todos e de tudo.

1.2 Presença relacional

Além de vivenciar o pertencimento, é importante estar presente. Talvez mais importante que estar presente, que é uma manifestação temporal, é ser presença, que é uma expressão social. A presença como um presente é uma relação de

gratuidade. Nesse caso, estabelecer uma presença relacional entre os diversos sujeitos educacionais exige um cuidado com o acolhimento e o encaminhamento de novas descobertas. Ser presença é, assim, desenvolver um clima caloroso de aconchego, mas, ao mesmo tempo, propiciar um ambiente de partilha e de proposição de desafios.

A instituição educadora, para constituir uma tenda, deveria potencializar a vida, “[...] tanto como comunhão quanto comunidade. Nós mesmos somos essa comunhão, com uma modalidade especial de consciência reflexiva” (O’SULLIVAN, 2004, p. 315). É essa consciência, segundo o autor, que torna presente os grandes pensadores e as infinitas sabedorias do universo, e a função da educação é, justamente, tornar presentes na vida das pessoas e da sociedade tais reflexões.

Assim, o processo educacional pode fazer-se presente, seja na instituição ou na comunidade, promovendo uma relação profunda entre as pessoas e os projetos, pois, de acordo com Gutiérrez (1984, p. 146), “[...] a vivência da solidão tem fome de comunhão”. Essa disposição de comunhão é que pode provocar um movimento solidário, congregar os desejos de diversos sujeitos sociais e articular a potencialidade de uma variedade de projetos comunitários.

1.3 Participação cooperativa

À medida que se estabeleceu uma atitude de pertença e um estilo de presença, a participação cooperativa na construção de uma proposta pedagógica e na imersão de um projeto social é de fundamental importância. Essa participação no ambiente educativo é um meio e um fim. Segundo Roca (1999, p. 92), “[...] é um fim que permite às pessoas realizar todo seu potencial e ajuda a otimizar o aproveitamento das capacidades humanas, sobretudo a capacidade de protagonismo”. Mas é, ao mesmo tempo, um meio porque permite abrir os olhos para a realidade e investir em um projeto de transformação social.

Dentre as diversas possibilidades de participação, a instituição educadora está sendo convidada, principalmente, em um continente marcado por injustiças estruturais, a participar de um projeto de justiça social. Para isso, o processo educativo deveria promover sujeitos que, segundo Roca (1999), dispõem-se a trabalhar juntos, a viver juntos e a sonhar juntos, um projeto de humanidade que estaria mais próximo de um projeto de cidadania emancipadora e de sociedade democrática.

Nesse posicionamento, um projeto educativo requer, entre outras atitudes, a disposição, por parte dos sujeitos envolvidos, para uma atuação cooperativa e uma ação responsável. A atitude cooperativa potencializa habilidades educativas, passando tanto pelas mediações da divergência quanto pela convergência, e a responsabilidade projeta os sujeitos educativos para um mundo de riscos, no qual se exige um comprometimento com a formação pessoal e a transformação social.

Compreender a mística no processo educacional, com base na simbologia das tendas, construída por meio de uma pertença qualificada, uma presença relacional e uma participação cooperativa, dispõe os sujeitos educacionais e os processos educativos a se posicionar como peregrinos no caminho.

2 A mística do caminho

O caminho, como metáfora, é um percurso que pode ser percorrido de diversas formas. Assim, o caminho pode ser seguido por meio de roteiros geográficos, de períodos históricos ou de processos existenciais. O caminho pode ser feito de forma individual, de maneira dialogal ou como um itinerário social. Assim, de acordo com Marti (2008, p. 154), “estamos sempre a caminho, basicamente forasteiros nesta terra. Aqui não existe nenhum lar permanente. Tudo é transitório, fugaz e passageiro. Tudo é caminho”.

Voltados a essa ótica, é possível perceber que existem caminhos já trilhados por outras gerações e existem pegadas que vão abrindo novos caminhos. Existem caminhos sólidos e fluidos. Existem caminhos nos espaços territoriais e nas fronteiras. Existem caminhos que margeiam solitários e outros conectados. Existem caminhos que se encontram e outros que se separam. Existem caminhos reais e virtuais. Existem caminhos que iniciam e outros que terminam viagens.

O caminho significa o percurso que parte de uma dinâmica de compreensão da realidade na qual a pessoa ou a instituição esteja inserida. A atitude contemplativa é a experiência que cada sujeito faz à medida que, segundo Gutiérrez (1984), dispõe-se a “beber no próprio poço”. Aqui, pode-se retomar a imagem de um caminhante, que, depois de longas horas de caminhada, encontra um poço para saciar sua sede. Esse é, portanto, o momento de reviver o caminho percorrido, acolher a realidade e se dispor, com novas energias, a continuar a peregrinação. Essa dinâmica ajuda a fazer da vivência e da experiência do cotidiano um poço do qual podemos beber a água. Isto é, colocar a pessoa e a instituição em constante travessia, e, sob a inspiração de Guimarães Rosa, é possível perceber que “o ideal não está nem na saída e nem na chegada, mas na travessia” (ROSA, 1994, p. 95). Enfim, essa é a causa, o valor e o ideal e, para isso, Roy (2000, p. 22) ajuda-nos a entender que “[...] é na pessoa do homem e da mulher que podemos sentir esta força, portadora e produtora de vida, de dinamismo, de criação [...]”, aspectos que potencializam a esperança e a utopia.

Pautando essa reflexão na máxima de Santo Agostinho, de que *semper in via sumus, nunquam in patria*, isto é, de que estamos sempre a caminho, jamais em nossa pátria, a mística do estar a caminho é o melhor percurso para a realização da condição humana. Para isso, propõe-se uma mística, com base na metáfora do caminho, que esteja pautada na contemplação da realidade, um processo que aponta a importância de peregrinar conjuntamente e um percurso que indica a direção de uma causa ou de um ideal a ser alcançado.

2.1 Contemplar a realidade

À medida que se inicia uma caminhada, a contemplação da realidade envolvente é o primeiro passo do percurso. A compreensão da realidade pessoal, social e cósmica nos leva, assim, a beber do próprio poço. A realidade que nos circunda é o poço de onde vamos beber a água. O poço da história e a água que dele brota umedecem nossa consciência de sentir, purificam nosso modo de pensar e alimentam nosso jeito de agir.

A instituição educadora, como uma entidade que ajuda a beber a água da realidade histórica, precisa reforçar, também, uma mística relacional que possibilita “[...] enraizar nossa vida nas múltiplas expressões da comunidade, abrindo-nos para uma visão mais profunda do fato de que somos membros de uma grande comunidade planetária” (O’SULLIVAN, 2004, p. 382). Essa vinculação da água que flui da própria realidade para a água que se espraia para horizontes maiores torna-se um desafio para a instituição educadora na realidade atual.

O processo educacional, por meio de um empenho para se sintonizar com a realidade circundante, induz seus talentos e seus projetos para o respeito para com a “[...] diferenciação, a subjetividade e a comunhão, tanto na vida interior da comunidade humana quanto, de forma mais ampla, na própria vida na Terra e no próprio universo” (O’SULLIVAN, 2004, p. 344). A sintonia da proposta pedagógica com o contexto social possibilita que todos façam do “próprio poço” uma experiência profunda de humanidade e de sociabilidade, desencadeando um processo de peregrinação conjunta, contemplando-se a si mesmo, a realidade e a própria companhia.

2.2 Peregrinar em companhia

Em uma dinâmica de travessia, de passagem e de peregrinação, é aconselhável a proposição de um processo no qual o caminho seja trilhado de

forma coletiva. Considerando que a missão da instituição educadora é, justamente, estabelecer a proximidade de sujeitos do conhecimento e o encontro de saberes, é importante percorrer caminhos de forma colegiada e fazer dessa mística a energia do estar junto no mundo e a razão de sentir-se parte de um processo que faz da vida uma constante travessia.

Apesar dessa proposta mais coletiva, é possível perceber a separação entre a técnica e a ética, a distinção entre o processo de produção e de consumo e a divergência entre a necessidade e o desejo, que, por um lado, possibilitou avanços significativos, mas, por outro, fortaleceu o grupo detentor das tecnologias, empoderou o processo de produção e explicitou, ainda mais, as necessidades de consumo.

Com o objetivo de superar essa tendência, é adequado que o projeto pedagógico se traduza em uma opção vinculante com os sujeitos sociais e com os projetos comunitários, porque, de acordo com Marti (2008, p. 89), “[...] na solidariedade eu ultrapasso as fronteiras do meu eu. Aquele, aquela, o outro, torna-se algo meu. O destino alheio toca o meu coração”. Baseando-se nessa proposição, o projeto educativo torna-se, assim, não um direcionamento para a exterioridade, mas faz do horizonte ou da utopia a razão da sua missão.

2.3 O sentido como horizonte do caminho

O caminhante está sempre direcionado a um sentido e a mística tem a ver com a energia que conduz para esse ideal, com a energia que potencializa para uma causa ou com a energia que movimenta as pegadas do peregrino. Aventurar-se por novos caminhos em vez de seguir pegadas já demarcadas é uma condição essencial para viver e sobreviver, revigorando a essência e a vivência nesse complexo mundo contemporâneo, tendo em vista promover o sentido da vida.

A instituição educadora, desde os primórdios, foi considerada uma entidade que propunha um aperfeiçoamento personalizado, buscando a verdade e o bem. Depois, introduziu-se um procedimento de aprendizagem com o escopo de aumentar a compreensão do fenômeno por meio da utilização de metodologias de intervenção na realidade. Atualmente, além dos aspectos citados, o processo educativo está assumindo, por um lado, um direcionamento para o atendimento das funções da economia de mercado, constituindo um canal de elevação social, mas, por outro, um encaminhamento para atender as finalidades do sentido da existência humana e da essência de suas relações sociais.

O projeto educativo, a partir de uma mística que potencializa um ideal ou uma utopia, tem como parâmetro de conduta estar a caminho. Para tanto, requer, por parte dos sujeitos educacionais, a disponibilidade para acolher os caminhantes e com eles seguir um caminho. Isso revela a possibilidade de indicativos para desvendar novos horizontes existenciais e para novas possibilidades de construção de uma sociedade pautada na democracia e na justiça. Para a realização dessa proposta, com base na metáfora das tendas e caminhos, é necessário que essa mística seja desenvolvida, vivenciada e experimentada no processo educacional.

3 A mística no processo educacional

A educação tem indagado as instituições e a sociedade, à medida que insiste em construir diálogos conjuntos. Para que conhecer? Para que aprender? Para onde nos leva o conhecimento e a aprendizagem? O processo educativo questiona a relação do conhecimento universal com o conhecimento comunitário, questiona a relação da aprendizagem geral com a aprendizagem específica. Porém, qual relação se deseja estabelecer? Como visto, são necessárias respostas e, muito mais, perguntas que possam desenvolver um pensamento complexo e criador. Por outro lado, quando se indaga é porque já se está querendo ultrapassar e entender, ainda melhor, os desafios que atravessam a própria busca e a própria procura.

As dúvidas continuam. Segundo Capra (2004), vive-se uma crise que não remete somente à educação, mas à percepção e ao conhecimento. O momento é fértil e, ao mesmo tempo caótico, desordenador. É um momento que pode ser propício para o exercício da mística, que chama as pessoas a pensar juntas, compartilhando, vivendo em um tempo que possui uma espiritualidade ou um tempo ritmo-ritmo, na conceituação de Melucci (2004). É um tempo que resgata as razões e percepções que sejam vinculadoras de um projeto educacional, chamando para pensar, por meio das conectividades, novas formas de construir conhecimentos e aprendizagens.

Tempo e espiritualidade são dimensões que provocam um pensar sobre a relação entre os espaços educativos e os movimentos que recriam a percepção da consciência. Capra e Steindl-Rast (1994) falam de um desenraizamento vivido na humanidade, de uma sensação que o ser humano vive, de não sentir um lugar no mundo, um espaço de pertencimento. A mística na educação é a possibilidade de aprofundamento do lugar que cada ser humano deseja caminhar e evoluir, um aprofundamento, um enraizamento na identidade diante dos campos de conhecimento.

Para Toro (2002), a identidade existe em uma pulsação entre a imanência, o cotidiano e a transcendência, conexão com uma visão ampliada, sensações, pensamentos e vivências que levam as pessoas a ampliar a consciência da realidade. Ou seja, transcendência é perceber-se como parte de uma totalidade denominada vida. Ou seja, o universo existe porque existe a vida, e não o contrário. A visão transcendente implica estar conectado a uma lógica que faz ultrapassar o paradigma antropocêntrico, no qual o ser humano acredita ser o centro do universo, e tudo, ou quase tudo, estrutura-se a partir da cultura egocêntrica. A transcendência permite a uma sociedade viver mais harmonicamente, cultivar não só os próprios interesses e compreender que as angústias e ambições humanas nunca vão ser supridas completamente, porque não é a tarefa da vida. Esta não se organiza em função dos seres humanos, mas, sim, o contrário.

A sociedade, de acordo com um enfoque desenvolvido por Góis (2008), precisa pensar o ser humano e a sociedade com base em um movimento que integra a vida, o amor, a espiritualidade, a ecologia, as ideologias, as políticas públicas, a organização familiar e individual, as relações de dominação, o estresse continuado, as enfermidades físicas e o sofrimento psíquico.

As tendas são espaços de religação nos quais se pode ampliar a percepção de interconectividade, do zelo que podemos ter, por exemplo, pela cidade, pela política, pelo amor, enquanto uma vivência de pertencimento e de participação construtiva. Na maioria das vezes, a vivência é de desconexão, em uma postura de estar distraído consigo e com o campo social que se deseja trilhar.

As realidades múltiplas são vistas como campos de conhecimento, tendas de aprendizagem nas quais as instituições educadoras deveriam estar com olhares investigatórios, contemplativos e mais participativos. A mística é a relação vivida e qualificada entre o espaço que se ocupa e o movimento gerado, o que dá a noção de um tempo diferenciado, o que possibilita o aprofundar-se nas singularidades vividas, que apontam caminhos que movem nossos corpos e nossas novas ações, sentimentos e pensamentos em relação a um projeto educacional mais significativo.

Percebe-se, também, um movimento das instituições, ainda sutil, em direção a uma abertura à diversidade cultural. Nesse espaço, é possível colocar uma tenda que acolha as aprendizagens da ancestralidade, valorizando a cultura dos afro-descendentes, indígenas e agricultores. Que caminhos seguir para andar com essas culturas? Que caminhos percorrer para chegar ao seu encontro? Que caminhos potencializar para que essas culturas entrem no espaço educativo baseado em tendas?

Outro movimento é o posicionamento da tenda para dialogar com as minorias e os movimentos comunitários e sociais. A aprendizagem com os atores sociais representa uma oportunidade para um aprofundamento do conhecimento,

com a possibilidade de revisão e de diálogo com os que geralmente ficam fora do processo de produzir saberes. O desafio é o percurso que se faz para abrir espaços onde as palavras dos sujeitos que participam desses movimentos sejam legitimadas. É um diálogo que existe não só para que as pessoas sejam ouvidas, mas para uma atitude epistemológica de construção de conhecimento para uma mudança de paradigma.

Considerar que a vida configura-se como uma tenda que acolhe o universo, com todas as suas manifestações, de todos os seres vivos, leva a instituição educadora a propiciar paradigmas que contemplem essa diversidade. Um dos possíveis aspectos é reconhecer a importância do princípio biocêntrico (TORO, 2002), que ajuda a ampliar a compreensão ecológica, ambiental e de sustentabilidade, percebendo que os seres humanos estão interconectados com todos os seres do universo.

Nesse paradigma, a vida é o centro do universo e a mística é a conexão com a energia que faz com que a vida aconteça no universo, que impulsiona o viver. O conhecimento é assumido enquanto uma ontologia do viver, como concebe Maturana (2001), quando desenvolve a relação entre cognição, ciência e vida cotidiana.

Tendo em vista essa interconexão, tal pensamento abre portas para pensar e criar possibilidades para o sistema hegemônico, fato que vai refletir sobre as alternativas possíveis e viáveis. Que iniciativas podem ser implementadas para que experiências inovadoras possam ser multiplicadas? Como acolher as novas tecnologias da informação e comunicação para que se tornem meios para uma educação de qualidade? De que forma a instituição educadora pode constituir-se como uma tenda que potencializa uma aprendizagem favorável a esse modelo? Diante desses questionamentos, a instituição educadora é desafiada, portanto, a colocar suas tendas em meio a situações que exigem uma compreensão mais qualificada e qualificável.

Os desafios da sociedade contemporânea, caracterizada pela mobilidade e pelo contexto de internacionalização, pressupõem que o projeto educativo acompanhe, com sua tenda, esses movimentos. O caminho a ser trilhado é o de uma educação aberta, universal, com distintas possibilidades. Nessa realidade, quais são os princípios que estabelecem limites? Como ampliar as fronteiras sem desfigurar as identidades? Como potencializar a missão institucional sem se diluir no movimento global?

A proposta da mística, com base na metáfora das tendas e dos caminhos, produz um movimento que gera transformação quando se parte em busca da compreensão do conhecimento enquanto vida, em uma função epistemológica e ontológica (MATURANA, 2001). A centralidade da mística é, portanto, a vida em todas as suas manifestações.

Conclusão

Após partilhar a acolhida na tenda e fazer o percurso do caminho, algumas considerações finais podem auxiliar na continuidade da reflexão, posicionando a instituição educadora nas energias sistêmicas da sociedade. Por essa razão, estar em movimento é uma condição objetiva e subjetiva que exige presença e comprometimento, razão e emoção, temor e coragem, uma dinâmica de pulsação entre a consciência e a ação, objetivando qualificar o processo de aprendizagem.

Olhar para a sociedade significa realizar um movimento para transformar as fronteiras da aprendizagem, algo que se realiza quando se assume que esta só se modifica com uma educação e uma ação intencional. Não basta, portanto, ter conhecimento para transformar as realidades, é preciso apostar em uma mística que seja um impulso para a vida. É preciso que os espaços de formação sejam uma possibilidade para trilhar um caminho de transcendência, uma busca para superar o individualismo, reconstruindo o espaço da singularidade no encontro com a

coletividade. Caminhar em direção à construção de um projeto de educação criador, que renova o conhecimento a partir do contato com os sujeitos coletivos e com a diversidade cultural. O contato que se estabelece com os sujeitos marca a diferença de um conhecimento que não só produz teoria, mas, também, uma prática que promove o desenvolvimento humano e social.

A mística, presente nas instituições educadoras, ao indicar caminhos como processos de aprendizagem, pode estimular uma educação voltada ao desenvolvimento da identidade do educando, enquanto presença intensa e viva. A metáfora do caminho exige um caminhar, um posicionar-se, um assumir-se ao viver as escolhas e as pegadas que estruturam pensamentos, sentimentos e ações.

Dessa forma, a mística tem por objetivo convidar as pessoas a participar de um projeto, de um ideal, de uma utopia, despertar em cada identidade a experiência de estar vivo, de movimentar-se em direção a um coletivo. Melucci (2004), ao desenvolver a teoria da ação coletiva, remete ao paradigma da identidade e afirma a necessidade de os atores dos movimentos sociais descobrirem o que são e o que querem ser.

Essa caminhada é a da identidade que se revela singular e única. No entanto, encontra-se de forma íntima e autêntica em significados construídos no pertencimento e na participação dos coletivos. A mística faz-nos transcender, ampliar os vínculos afetivos para além dos códigos culturais, sem negá-los, transportando para o sabor da intimidade, da conexão consigo mesmo, fazendo do sentir a diferença que impulsiona ao encontro e à interação.

A mística, enquanto caminho, produz percepções e intuições para um projeto de educação que estimula a reflexão conjunta, o mergulho entre as contradições no caminho da integração, despertando a potência necessária para a transformação. Deseja-se, com a mística, desenvolver a coragem, o amor, a inteligência *numinosa* e a busca do sagrado. Segundo Alves (2001, p. 95), “o mundo do sagrado não é uma realidade do lado de lá, mas a transfiguração daquilo

que existe do lado de cá”. Esse exercício de transfiguração é que comporta o sentido da vida por meio da mística.

Quando um espaço parecer estranho, difícil de ser adentrado, pode-se encontrar aí um caminho capaz de ultrapassar os limites que se impõem. Para isso, Freire (2000) lembra que é por onde se pisa que os pensamentos vão sendo desenhados, por isso, não existe o transformar para, mas transformar com. A mudança social não se estrutura sem a conexão, o vínculo, o diálogo que transforma nossa ideia ou que dinamiza a pulsação do coração em fonte de aprendizagem. A educação afirma que precisamos criar um movimento em direção ao diferente e a nós mesmos, e a mística coloca sinais para que possamos viver a travessia com mais confiança e beleza.

Ao se olhar a sociedade, é preciso fazer o exercício de ver segundo essa lógica, da desigualdade e da injustiça. Mudam os papéis, os atores e os autores, mas eles estão encarnados nos coletivos, tanto na revolta como na indiferença. Quando se coloca mais o desejo, a indignação e a capacidade de diálogo também se veem mais na pluralidade e se cria uma cultura de cuidar das sementes, dos frutos, da terra, pois se aprende a diferença entre ser massa e ser coletivo, entre ser potência e ser partilha, entre ser indivíduo e ser singularidade.

A mística possibilita, ainda, ver a tenda como a vida. Dessa forma, a tenda é a disposição de chegar e de partir, é a condição de encontrar e de caminhar, é a possibilidade de acolher e de partilhar. Assim, como educadores, é oportuno colocar as tendas nas fronteiras da humanidade, caminhando com a elegância de alguém que tem sempre um companheiro ao seu lado, descobrindo, por meio da educação, que somos capazes de acolher, nas tendas, a ternura e a energia, a interioridade e a exterioridade, a singularidade e a diversidade.

Essa dinâmica movimenta os sujeitos do processo educacional em direção a uma dinâmica maior e de abertura constante.

E com essa visão, de quem está dentro e não de quem tem que adentrar, abrimos não apenas nossas tendas. Abrimos a tenda maior, que é nosso coração. Essa tenda, que abriga tanto nossa identidade como nossa paixão, não tem por que ficar fechada (BONDER, 2008, p. 100).

Essa abertura, que se faz de dentro, é um procedimento que se identifica, ainda mais, com uma disposição educativa.

O caminho, por sua vez, é a possibilidade de encontrar “[...] alguém que nos leva à fonte da vida para alimentar a caminhada, para revigorar as forças cansadas, para revitalizar a vontade e a coragem e para endireitar os caminhos distorcidos” (SELLA, 2003, p. 282). O processo educacional, por meio da mística do caminho, pode contribuir com um percurso significativo para a realização dos desejos e das expectativas da humanidade.

A mística, enfim, considerada como uma energia pode ser identificada como uma pulsação viva que faz acontecer a relação intrínseca entre o estar junto e o colocar-se no caminho pode ser concebida como uma tensão constante entre entrar e sair, pode ser caracterizada como uma manifestação do encontro e da partida e pode ser compreendida como uma pulsão intensa entre as tendas e caminhos no viver e conviver.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O que é religião**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BONDER, Nilton. **Tirando os sapatos**: o caminho de Abraão, um caminho para o outro. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CAPRA, Fritjof; STEINDL-RAST, David. **Pertencendo ao universo**: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

FOGEL, Gilvan. **Que é filosofia?** Filosofia como exercício de finitude. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Saúde comunitária:** pensar e fazer. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber no próprio poço:** itinerário espiritual de um povo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

MARTI, Lorenz. **Como um místico amarra os seus sapatos:** o segredo das coisas simples. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MATURANA, Humberto R. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu:** a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

O'SULLIVAN, Edmund. **Aprendizagem transformadora:** uma visão educacional para o século XXI. São Paulo: Cortez, 2004.

ROCA, Joaquín García. **A educação cristã no terceiro milênio:** o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:** veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROY, Ana. **Tu me deste um corpo.** São Paulo: Paulinas, 2000.

SELLA, Adriano. **Ética da justiça.** São Paulo: Paulus, 2003.

TORO, Rolando. **Biodanza.** São Paulo: Olavobrás, 2002.